



AS SINGULARIDADES DA CEGUEIRA CONGÊNITA NA APREENSÃO DO CORPO

Everton Luiz de Oliveira
Fátima Elisabeth Denari

Universidade Federal de São Carlos – Brasil

Resumo: Ao observar que as pessoas com cegueira congênita apresentam processos de aprendizagem e de simbolização singulares, despertou-se para a inquietação de que, em um mundo regido por formas visuais/imagéticas, estas poderiam ou não apresentar conceitos sobre beleza. Dessa forma, este estudo, de caráter qualitativo e de cunho descritivo, destinou-se a investigar e compreender as representações sociais de corpo a partir da concepção de pessoas com cegueira congênita. Para obtenção dos dados, optou-se por entrevista semiestruturada, permitindo que todo o conteúdo fosse analisado por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontam para a maneira generalizante com que a beleza corporal é apreendida nas práticas cotidianas pelas pessoas com cegueira. Por fim, o tato, a linguagem e a audição se mostraram mecanismos importantes para o desenvolvimento das representações sociais de corpo e para o estreitamento com o mundo sensível sobre o qual se apresenta a beleza nas práticas e objetivações sociais de pessoas com cegueira.

Palavras-chave: corpo; cegueira congênita; beleza.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, ter um corpo belo mais do que adjetivo, qualidade ou atributo passou a ser uma necessidade, uma cobrança, anulando os sujeitos sociais e históricos pelo reconhecimento e contemplação de um sujeito que agora passa a ser um corpo, o corpo que chega e se faz presente, corpo que deve ser belo para ser social e humano.

Numa sociedade regida pelo consumo, o desejo por um corpo belo/ideal encontrou coro, este se tornou produto nas prateleiras do mercado do corpo e do *fitness*, forjado à custa de sacrifícios físicos e financeiros, marcando uma nítida (mas não declarada) distinção social, beleza projetada no e pelo consumo de bens e produtos, é privilégio, tem dono e se reflete no e pelo corpo.

Brasília (2007) identificou em seu estudo que, para 93% dos jovens entrevistados, a exposição constante de modelos corporais pelas revistas, televisão e cinema contribuiu para a divulgação de um modelo ou padrão corporal hegemônico. Ainda, para esse referido autor, o padrão de beleza – magro, jovem e branco – atinge as diversas classes sociais, ao passo que neste processo

Os corpos são educados para absorver práticas socialmente desejadas, para poderem ser transformados de acordo com as exigências culturais e para negar-lhes o que é próprio do indivíduo: o seu corpo original (BRASÍLIO, 2007, p. 40).

Segundo Novaes e Vilhena (2003, p. 30) na “modernidade, a beleza encontra-se vinculada a diversas formas de sociabilidade, impondo sua ordem como uma instância reguladora que abarca um número cada vez maior de contextos e formas sociais”.

Novaes (2008) destaca, ainda, que possuir o modelo de corpo idealizado, aceito e valorizado socialmente, representaria a conquista de um corpo “em forma”, em que não se alojassem gorduras, desvios ou excesso de peso. Nessa medida, figurando entre os piores tipos de desleixo com o corpo, tem-se o acúmulo de gordura corporal, traduzindo um relacionamento inadequado com o corpo e relegando à pessoa obesa o espaço da feiura. Uma época em que é declarada “tolerância zero” com a gordura.

Dessa forma, entende-se que a beleza pronunciada pelo corpo seria, possivelmente, decisiva na construção das relações interpessoais e dos vínculos afetivos estabelecidos pelos sujeitos nos mais variados espaços sociais e momentos da sua vida, tais como escolas, trabalho, clubes, academias de ginástica, festas, viagens, passeios entre outros(as).

O corpo representa uma multiplicidade de formas e sentidos que o configuram como uma linguagem, comunicando e expressando valores de uma dada cultura e sociedade. O homem, antes mesmo das palavras, já se comunicava por meio do corpo e, na contemporaneidade, cada vez mais há provas de que o corpo “fala” (MATTHIESEN et al., 2008).

Para Berger (2006) e Vigarello (2006), as buscas desmedidas para alcançar um modelo de corpo idealizado e reificado, a cobrança por um padrão de beleza hegemônico, a construção de arquétipos do tipo musculoso e atlético (para o homem) ou magro e sarado (para as mulheres), o anúncio e naturalização de um padrão de beleza que vilipendiaria todas as outras constituições corporais e estéticas, corroboraram para a construção de um fenômeno chamado de “culto ao corpo”, tendo surgido no final do século XX.

Nas palavras de Berger (2006, p. 140) apreende-se que:

A ideologia que se vende aos adeptos do culto ao corpo é que o indivíduo, ele e somente ele é quem vai prestar contas ao olhar crítico e hierarquizante de seus pares, além de se submeter ao escrutínio da fita métrica, da balança e do espelho em um processo que exige dele uma conduta ascética, racional e individualista. E mais, além de ser produto do esforço individual, passa pela conquista de um corpo que só ele vai ter e, posteriormente, da forma física como veículo de afirmação de *status*, conquista de parceiros sexuais em mesmo nível estético e inserção social.

Isso posto, denota-se a importância das imagens e do mundo visual para a disseminação dos modelos ou padrões de beleza historicamente aceitos e validados, compreendendo que, ao mesmo tempo em que essa beleza desfila sobre o olhar atento da contemporaneidade, fixam-se as representações sociais do belo que exercem poder e influência nas práticas, atitudes e convívios sociais.

Ao observar-se que as pessoas com cegueira congênita apresentam processos de aprendizagem e de simbolização diferentes daqueles empreendidos por pessoas que gozam da sensação visual e, ainda, como aponta Batista (2005) por não apreenderem nem mais nem menos, apenas diferentemente, despertou-se para a inquietação de que num mundo regido essencialmente pelas formas visuais e imagéticas, os cegos poderiam apresentar singularidades nas representações ou conceitos de beleza e de corpo.

Complementarmente, Laplane e Batista (2003) advertem que alguns conceitos e conhecimentos não são possíveis de ser aprendidos, descobertos ou ensinados pelo tato por configurar situação em que o toque seria proibido ou pouco convencional, como é o caso do corpo ou de algumas partes dele, isto pensado na relação com o corpo do outro, aquele que é diferente e deveria ser entendido.

Para tanto, Lebedeff (1994, p. 31) enuncia algumas dificuldades encontradas pelo cego para representar o

corpo do outro e identifica como é nebuloso e instigante o campo das representações sociais de beleza no universo da pessoa com cegueira, indagando que:

A anatomia de seu próprio corpo é muito fácil, mas e a anatomia do sexo oposto? Como o ocorre o conhecimento do corpo do outro, se o toque é proibido na nossa cultura? E sedução, se a paquera se dá pelo olhar? Será que a sexualidade do cego é uma sexualidade sem estética, sem altos nem baixos, gordos ou magros, não importa a cor dos olhos?

Na busca por um referencial teórico que pudesse consubstanciar incursões investigativas e conhecimentos no campo resignado por fenômenos em torno do corpo e do universo da cegueira e, ainda, a sua importância nos processos sociais, afetivos e de desenvolvimento psicossocial, cognitivo e comportamental destas pessoas, recorreu-se a teoria das Representações Sociais.

As representações sociais tratam dos conceitos, significados e interpretações formados pelo senso comum sobre determinados objetos, coisas ou fenômenos em um espaço/tempo definidos no interior de um grupo social específico, agindo diretamente nas práticas cotidianas dos sujeitos e modificando-se a partir destas mesmas práticas em movimento dialético (MOSCOVICI, 2004).

Tratar-se-á, especificamente, das representações sociais da beleza a partir da realidade e objetivações de adolescentes com cegueira congênita, utilizando a literatura para explicar quais as implicações destas representações no convívio e entendimento do outro e do mundo no qual habita.

Por meio das representações sociais o sujeito reinterpreta tudo aquilo que é recebido do exterior, quando se relaciona com o meio por interações sociais. Assim é possível ressignificar aquilo que é recebido do exterior, no contexto de valores, códigos e condutas sociais presentes no grupo social de que faz parte, desta forma a Representação Social se torna decisiva na elaboração e escolha dos comportamentos sociais.

A partir desse constructo teórico e analítico, destaca-se que o objetivo do presente estudo foi apreender as significações e representações que as pessoas com cegueira apresentam acerca do corpo.

MÉTODO

Este estudo, de caráter qualitativo e cunho descritivo, destinou-se ao conhecimento dos entendimentos sobre a representação social do corpo (fenômeno) para jovens com deficiência visual (população). Segundo Vilelas (2009, p. 121),

[...] a preocupação primordial dos estudos descritivos radica em descobrir algumas características fundamentais de conjuntos homogêneos de fenômenos. [...] descreve uma realidade. O investigador acerca-se da realidade, procurando descrever e documentar os fenômenos que nela acontecem.

Complementarmente, os autores Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 7) apontam que nas pesquisas qualitativas “em vez de clareza sobre as questões e hipóteses preceder à coleta e análise dos dados (como na maioria dos estudos quantitativos, pelo menos em intenção), os estudos qualitativos podem desenvolver questões e hipóteses antes, durante ou depois da coleta e da análise”.

Participantes

Com o propósito de selecionar os participantes para a efetivação deste estudo, realizou-se um mapeamento junto a duas Diretorias Regionais de Ensino da região central do Estado de São Paulo, visando ao levantamento e à identificação de todos os alunos com cegueira congênita matriculados no ensino médio e que tivessem disponibilidade e interesse em colaborar e/ou participar do estudo, formalizando-o por meio da assinatura dos alunos e dos pais/responsáveis de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com isso, obteve-se uma amostra composta por três alunos, ambos do sexo masculino, enquadrados em uma faixa etária compreendida entre 18 e 19 anos.

Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas em três escolas estaduais diferentes, estando ambas em municípios diferentes da região central do estado de São Paulo. Essas escolas foram selecionadas por serem as únicas com matrículas de alunos com cegueira congênita no ensino médio. A opção por utilizar as escolas como espaços para a coleta de dados deu-se pelo fato de serem espaços/ambientes familiares aos alunos com cegueira congênita participantes do estudo e de fácil acesso a eles. Além disso, inicialmente tinha-se a convicção de que a escola facilitaria também o contato direto com os pais e com os alunos, passando para ambos segurança e credibilidade quanto ao estudo a ser realizado.

Inicialmente, no encontro com os pais e os alunos, explicou-se detalhadamente o estudo e as dúvidas que surgiram naquele momento. Ainda, nesse encontro, foi entregue cópia do Parecer expedido pelo Comitê de Ética em pesquisa em Seres Humanos (sob n. 231/2012) que garantia que o Projeto havia sido certificado e autorizado pelo comitê responsável. Mediante concordância com procedimentos e demais disposições apresentadas sobre o estudo, os pais e/ou responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹ autorizando e formalizando a participação dos respectivos alunos.

Análise dos dados

As entrevistas foram todas transcritas na íntegra, inclusive os erros gramaticais, linguísticos e as gírias e vícios de linguagem, dando desta forma maior credibilidade e importância às falas dos entrevistados, reconhecendo a validade de todo o material produzido a partir das entrevistas. Após a transcrição, o conteúdo das entrevistas foi analisado por dois juízes independentes (alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial) para assegurar a confiabilidade dos dados.

Para a avaliação dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), especificamente, a análise de conteúdo categorial. Essa técnica consiste em uma sequência de operações pelas quais certas unidades são identificadas e classificadas de modo a permitir a descrição sistemática do conjunto ou produção, essas unidades podem ser divididas em unidades de registro ou de conteúdo (BARDIN, 1977).

Dessa feita, elaboraram-se duas categorias, dentro das quais foram inseridas as questões utilizadas no roteiro (subcategorias) e, ainda, tendo suas respectivas respostas organizadas nesse espaço. A organização das questões dentro de cada uma dessas categorias deu-se a partir de proximidades temáticas.

¹ A solicitação da assinatura do TCLE por parte dos pais/responsáveis, mesmo os participantes sendo maiores de idade, deve-se à necessidade de atender ao pedido do Comitê Científico da UFSCar, não cabendo ao pesquisador imprimir qualquer tipo de análise ou questionamento quanto ao cumprimento desta solicitação.

RESULTADOS

A seguir serão apresentados os resultados das entrevistas; a cada categoria colocada no topo, seguem-se as questões (subcategorias) a estas relacionadas, bem como as respostas mantidas nas formas como declaradas pelos participantes, os quais receberam nomes fictícios para preservar identidades e manter o requerido rigor ético-acadêmico.

I – Representação social do corpo.

Q1 – Como é para você um corpo ideal/perfeito?

Ai, ah... não muito gordo. Pessoa assim, nem muito gorda, nem muito magra, mais ou menos. (Paulo)

Então, fica meio difícil, porque eu sou assim... eu, não importa se a pessoa é baixinha, se é meio gordinha, se é cheinha, se é gordinha, se é magra, se é alta [...] Particularmente, eu prefiro mais a cheinha viu. (Mauro)

Bom, corpo ideal seria que nem uma pessoa né, magra, mas não magra magra, mas um corpo médio, magra, tem que ser alta né, sarada, tem que ser uma pessoa musculosa, aqueles músculos assim sabe de atleta, assim nesse estilo, porque ai sim é que eles vão falar, que eles vão reparar né, eles vão olhar a sua aparência e vão perceber né a pessoa bonita, bonita tal, ela se cuida pra se tornar uma pessoa muito bonita né, e, um corpo muito bonito. (José)

Q2 – A televisão ajuda a construir esse padrão ou modelo de beleza? De que forma?

É porque é assim, não é todo mundo que é igual. Uns gostam, porque uns gostam do corpo de um jeito e outros gostam de outro. Tem até aquele famosos que fazem plásticas para mudar não sei o que, tudo o corpo, pra ficar mais bonito [...] Ah, mostrando a cirurgia que as pessoas fazem para mudar. (Paulo)

Olha, eu vou te falar uma verdade pra você, essa mulherada ae eu acho que, sei lá cara, qualquer coisa que vê na tevê quer fazer. Acho que não é por ae (cara de desaprovação), tem que ser o que é. Não, tem que se maquiara? Tem, fica chique. Tem que colocar brinco? Tem, fica chique. Mas agora fazer plástica, colocar silicone, pra que isso? [...] Eu acho que não tem que colocar silicone, não tem que colocar, tem que ser o que é. [...] É, vê uma atriz lá com biquinho meio né ... ae quer comprar igual. (Mauro)

Sim, influência muito. Inflência, a televisão sim. Em novelas, por exemplo, mostra muito né a pessoa se exibindo né, tal, mostra as loiras, as morenas, as brancas, as pretas e a televisão mostra, mas eu acho assim, que a mídia força um pouco, a televisão eu acho que ela força também, vamos fazer a pessoa ficar bem bonita pra ela arrasar naquele lugar, pra se mostrar, pra todo mundo olhar. (José)

Q3 – Existem diferenças entre os corpos masculinos e femininos com relação aos seus padrões ou tipos de beleza? Se sim, quais?

A mulher é mais vaidosa e o homem é mais sossegado. (Paulo)

Só pela humildade, pela simpatia, vixe (com relação ao homem). (Mauro)

Corpo da mulher? Ah, o rosto por exemplo. (Mauro)

Olha, uma mulher assim, as mulheres que tem um sombrancelha bonita, olhos verdes ou castanhos ou azuis (risos) é assim, tem mulher que usa óculos porque não enxerga de perto, mas assim, tem que ser uma mulher é né assim, uma mulher bonita, unhas feitas ou não, ou deixar a unha de qualquer jeito, cabelo comprido ou preso, é cheirosa claro, a pessoa tem que tá perfumada. Uma mulher assim, musculosa, tem mulher que faz academia né? Faz muita academia, faz esteira, abdominal... (José)

Ele tem que ter um pouco mais cuidado pra ele né. [...] o corpo bonito né, alguns homens são saradões, eles não são, é, tem homens que se depilam, que não são tão peludos, porque querem, querem se depilar pra ele se sentir mais

a vontade. Tem homens que não deixam a barba crescer muito, vê que já tá crescendo, não, que eu vou depilar, eu vou corta aqui. E ele tem que ter dentes muito bem escovados (risos). Você entendeu? E, é assim, o que eu acho do homem e da mulher é dessa forma que eu falei pra você agora. (José)

II – O toque e a linguagem na representação do corpo.

Q4 – Dá para saber como é o corpo de uma pessoa que você acabou de conhecer?

Eu gosto muito das mãos [...] acho que apertando as mãos delas, sentindo as mãos delas. Ajuda é, acho que a gente fica imaginando como ela é. (Paulo)

Um exemplo, assim quando eu acabo de conhecer eu não pergunto, dá vergonha e é meio chato, ae eu pergunto para alguém que tá comigo como essa pessoa é. (Mauro)

Acho sim, claro que tem. Mesmo que eu não toque na pessoa, mas dá pra imaginar como que ela é né, ela é bonita mesmo eu não tocando, mas dá pra, vem assim uma imaginação. Eu imagino nessa forma. (José)

Q5 – Você costuma perguntar para outras pessoas sobre como elas são fisicamente?

Eu tenho vergonha, pergunto não. (Paulo)

É. Ai depois de algum tempo, que eu tava assim, com bastante amizade, ai eu pergunto para aquela pessoa mesmo como ela é. Pra mim ver se é o mesmo que o outro falou. (Mauro)

Isso, eu pergunto como ela é, é... se ela é magra ou se ela é gorda, é baixa, é alta, ela tem cabelo, se ela é loira ou morena, cabelo comprido ou curto e ... porque assim a gente consegue definir, é, a imagem assim de cada uma, de cada pessoa que passa a gente consegue saber, é, definir a pessoa. (José)

Q6 – Você tem curiosidade em conhecer as pessoas a partir do toque e/ou contato com seus corpos?

Não sei não, acho que é, um assim eu tenho medo da pessoa não gostar. (Paulo)

Olha, eu tenho vergonha pra caramba, entendeu? Porque eu tenho muita vergonha, muito assim, receio de eu querer sei lá, tocar na pessoa, a pessoa não entender o meu lado, entendeu? E levar para a ignorância. (Mauro)

Aham, gostaria de pode senti o corpo das pessoas, das mulher também seria legal, pra gente saber direito como elas é. (José)

DISCUSSÃO

As palavras “magra” e “gorda” visitaram a fala de todos os entrevistados, porém a representação de corpo ideal para os alunos com cegueira congênita apresentou algumas aproximações e distanciamentos. Paulo, ao admitir que o modelo de corpo ideal fosse do tipo “nem muito gorda, nem muito magra” quando comparado ao apresentado por José, como sendo “um corpo médio, magra, tem que ser alta né, sarada, tem que ser uma pessoa musculosa”, evidencia que ambos se aproximam das representações de corpos ideais propalados na contemporaneidade a partir do senso comum, que segundo Moscovici (2004) serve de estrutura ou núcleo fundante a partir da/do qual se estabelecem as representações sociais.

Destarte, é possível assumir, ao menos timidamente, que as representações de corpo ideal/perfeito para alguns dos participantes com cegueira congênita, assemelham-se às representações sociais cunhadas nas e pelas objetivações sociais, culturais e históricas.

De acordo com Souza (2004), Berger (2006) e Brasília (2007), esse modelo de corpo idealizado e naturalizado nas e pelas relações e práticas sociais caminham entre o corpo magro (para as mulheres) e o corpo “sarado” ou musculoso (para os homens), negando-se, principalmente, aquele arquétipo constituído pela figura da pessoa gorda.

O fato de Mauro sinalizar sua preferência por corpos ou pessoas (neste caso se referia às mulheres) “gordinhas” e “cheinhas”, secundarizando formas físico-corpóreas como estatura e magreza, pode não significar, necessariamente, um desconhecimento dos modelos ou padrões corporais hegemônicos marcados fortemente pela estrutura muscular e pela magreza. Evidencia-se, no entanto, que o tempo definido como sendo de “tolerância zero” perante o excesso de gordura corporal (NOVAES, 2008), não estava presente na avaliação e apreciação estética apresentada por esse participante.

Ao expressarem algumas compreensões a respeito das práticas cirúrgicas (como as plásticas e implantes de silicone) realizadas por algumas mulheres, partindo-se de uma questão que tratou de indagar sobre a influência da tevê na construção de um modelo de beleza, perceber-se-á uma sensível conexão entre a beleza e o corpo, evidenciando que apreendem que ter um corpo perfeito também significaria ser belo.

Ao analisarem-se os enunciados, foi possível identificar a influência da tevê no estabelecimento de alguns referenciais de beleza e estética. Para alguns participantes, mídia televisiva ajudaria a propagandear práticas e serviços que comumente são utilizados pelas mulheres, intuindo atender a um modelo de beleza corporal reconhecido e valorizado social e culturalmente, com destaque para as cirurgias plásticas e implantes de silicone.

Nessa esteira, verificou-se que os artistas e/ou pessoas famosas, que estão sempre em condição de destaque neste espaço midiático, foram destacados nas falas dos entrevistados (direta ou indiretamente) como peças fundamentais neste processo de valorização de práticas, produtos e costumes ligados ao universo da beleza corporal.

Dialogicamente, Berger (2006) afirma que atrizes, atores e artistas têm demonstrado ao longo dos tempos uma importância nuclear na divulgação, propagação e imposição de modelos de beleza corporal e estética, auxiliando na venda de produtos e serviços neste mercado do corpo e da beleza, mostrando a partir de comerciais, entrevistas, filmes, novelas, reportagens, opiniões, práticas, atitudes e em seus belos e modelados corpos aquilo que seria a moda, tendência ou norma para determinado tempo/espaço.

Nesse sentido, pode-se sugerir que em algum grau ou perspectiva, os participantes compreendem o lugar protagonizado por esses corpos, ou melhor, por esses estandartes da indústria midiática e seus corpos esculturais e reificados.

Ressalta-se, assim, que os canais de comunicação de massa, especialmente a mídia televisiva, são decisivos nos processos de formação e circulação das representações sociais acerca de modelos e idealizações corporais hegemônicas nas sociedades contemporâneas (SÁ, 1998).

Na teoria das representações sociais, a comunicação de massa é um dos principais pilares de sustentação e investigação teórica, dada sua importância e alcance na disseminação de valores, conhecimentos, costumes, conceitos e pensamentos sobre objetos, fenômenos e pessoas, agindo diretamente nas práticas sociais e no mundo no qual se encerra (MOSCOVICI, 2004).

De acordo com Paulo e Mauro o homem seria menos vaidoso ou preocupado com a beleza, destacado mais pela sua personalidade e atitudes, diferentemente da mulher que viveria às voltas com a vaidade e a beleza corporal. Esse achado se distancia de pressupostos teóricos defendidos por autores como Vigarello (2006) e Menezes (2011), na medida em que a beleza masculina idealizada e valorizada no *modus* cultural e social vigente estaria voltada para a preocupação crescente com a vaidade, estetização, *performance* e embelezamento de seus corpos.

Nas exposições feitas por José, é possível encontrar ressonância com os modelos de corpos ideais institucionalizados para homens e mulheres na e pela contemporaneidade, particularmente, quando faz referências sobre corpos musculosos, práticas físicas e a existência e funcionalidade das academias de/para ginástica. Destaca-se assim que o atual cenário contemporâneo, expresso pela imersão tanto do homem quanto da mulher no universo da beleza e de suas pronunciadas estruturas, feições e buscas, foi sinalizado na fala desse aluno com cegueira.

Além disso, ao destacar o padrão de beleza para a mulher, atrelando-o ao aumento de músculos, esse aluno denuncia aquilo que Vigarello (2006) apontou como a “feminização” da musculação, que, por sua vez, não refletiria uma igualdade entre esses modelos (homem e mulher), somente uma livre alteridade. Portanto, o fato de algumas mulheres se sacrificarem com rotinas intermináveis de exercitação física para alcançar um corpo tonificado e com alto volume muscular não significa que estejam em busca do mesmo perfil estético corpóreo masculino, mas, e, somente, provocando uma variabilidade para este perfil estético e corporal almejado pelo público feminino.

Observou-se, ainda, nos discursos que integraram as entrevistas, que as representações sociais face ao corpo, apresentadas pelos participantes, se materializaram, principalmente, mediante decodificações imbricadas no seio de canais sensitivos como o tato e audição, e, ainda, por meio do campo estruturado da linguagem, consubstanciando a construção e o desenvolvimento do universo simbólico destas pessoas. Essa leitura corrobora o que fora assinalado por autores como Amiralian (1997), Ormelezzi (2000), Batista (2005), Moura e Pedro (2006) dentre outros.

Para Ormelezzi (2000), a linguagem funciona como um sistema simbólico ligado a determinado grupo social e que permite ao cego organizar conceitos, experiências e todo o mundo ao seu redor. Portanto, as pessoas com cegueira prescindem da linguagem para poder se apropriar de informações que permitam conhecer e representar o corpo do outro, seja por meio da descrição que uma pessoa faz de outra, seja a partir da autodescrição que uma pessoa possa fazer acerca dos seus aspectos físicos e corporais, como nas palavras de Mauro: “É. Ai depois de algum tempo, que eu tava assim, com bastante amizade, ai eu pergunto para aquela pessoa mesmo como ela é”.

Segundo Batista (2005) uma das principais diferenças entre a percepção visual e a tátil no seu processamento é que na visão pode-se ter a ideia do todo, de uma só vez, enquanto por meio do tato esse processamento é mais lento, fracionado, caminhando das partes para o todo, particularmente, nos casos em que o objeto a ser tocado é de tamanho tal que não pode ser capturado de uma única vez.

Para Laplane e Batista (2003) existem ocasiões em que o tato não é possível, como objetos/coisas de grandes proporções (prédios, rios, aviões etc.), que estejam fora do alcance tátil (lua, estrela, sol) e situações em que seja proibido ou pouco convencional o seu uso, como animais selvagens e o corpo do outro ou partes dele.

Destarte, pode-se imaginar a dificuldade em apreender formas e estruturas corporais a partir de um referencial corporal que é estranho, que pertence ao outro. Dificuldade esta apontada por Mauro, ao expor que tem vergonha de tocar o corpo do outro e que tem medo da pessoa tocada se sentir ofendida com aquela atitude. Lebedeff (1994) também analisa que conhecer o corpo do sexo oposto é sempre uma dificuldade para a pessoa cega, principalmente numa cultura em que o toque é sempre proibido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que as representações, sentidos e significados nas falas dos entrevistados vão ao encontro de alguns pressupostos teóricos no campo das representações sociais, principalmente, aqueles que tratam de enfatizar que as representações do “senso comum” são conhecimentos mutáveis e transitórios. Essas representações modificam-se a partir das próprias práticas sociais ao mesmo tempo em que exercem influência direta sobre elas, num movimento dialético e dinâmico.

Por meio dos procedimentos metodológicos empregados e, invariavelmente, pelas rotinas empreendidas junto às pessoas com cegueira congênita, pode-se constatar que o corpo, com suas formatações físico-anatômicas, funcionalidades e diversidade estética, ainda define um horizonte pouco explorado e conhecido das pessoas com cegueira, na medida em que poucas experiências e vivências corporais são oferecidas a elas.

Ao visualizar-se uma contemporaneidade frequentemente marcada por uma busca incansável pelo corpo belo/perfeito, tornando a beleza quase que sinônimo desta condição/estado, indiscutivelmente, remete-se a observação de um estado de conflitos e anseios que emergem no palco das relações e materializações sociais, políticas e econômicas. No entanto, no que concerne ao presente estudo, pode-se ao menos sugerir que essa busca exacerbada por se enquadrar em perfis corporais e estéticos dominantes pareceu não exercer tantas pressões e inquietudes no universo das pessoas com cegueira.

Para tanto, revela-se que o fato de os participantes não expressarem queixas, constrangimentos ou insatisfações com suas próprias composições, estética e domínios corporais pode ser retido como uma possível evidência de que as pressões sociais e culturais para conquistar os modelos de beleza corporal reificados não se alojaram com a mesma potência na rotina das pessoas com cegueira congênita.

Embora não tenham apresentado durante as entrevistas uma nítida compreensão sobre existência de padrões de beleza dominantes e/ou hegemônicos e tampouco sobre os processos histórico-sociais e econômicos de produção destes padrões de beleza, os alunos entendem a importância e influência das mídias na disseminação de ideias, valores, comportamentos e hábitos ligados ao universo da beleza.

Ao relatarem alguns comportamentos, hábitos, posturas e práticas de consumo que são influenciados pelos veículos midiáticos, em particular, pela televisão, os participantes demonstraram o conhecimento sobre o domínio e controle exercido por esses canais de informação.

Quando foram consultados acerca da presença de padrões de beleza corporal na sociedade, modelos corporais que eram mais valorizados e aceitos do que outros, foi necessário oferecer mais detalhes, informações e refazer várias perguntas, até que os participantes pudessem entender do que se tratava. Esse cenário permitiu identificar que expressões como “padrão corporal”, “modelo corporal”, “padrões de beleza”, não estão fortemente internalizados e enraizados nas rotinas e no ideário desse grupo.

A beleza refletiva no e pelo corpo, palco de fenômenos como o culto ao corpo e de um mal-estar no seio da contemporaneidade, dando cor e ritmo aos relacionamentos sociais e afetivos, parece não receber tão honroso destaque na vida de pessoas com cegueira congênita.

O tato, a linguagem e a audição se mostraram mecanismos importantes para o desenvolvimento das representações sociais de beleza físico-corpórea e para o estreitamento com o mundo sensível sobre o qual se apresenta a beleza nas práticas e objetivações sociais de pessoas com cegueira. Em particular, os relatos, explicações e detalhes oferecidos por colegas ou pessoas próximas se mostraram imprescindíveis para que as pessoas com cegueira pudessem construir uma projeção corporal e estética daqueles com quem se relacionavam.

Mesmo configurando um dos principais mecanismos para apreensão do universo corporal, o tato não era utilizado usualmente na identificação, conhecimento e apreensão do corpo do outro, os participantes expressaram o desejo de que essas experiências e sensações fossem realizadas com mais frequência e naturalidade, para que nenhuma das partes se sentisse constrangida, ofendida ou descontente com essas experimentações táteis, tão singulares no processo de desenvolvimento das pessoas com cegueira.

Ao pensar que somos assolados por histórias e contextos em que os corpos seguem, diuturnamente, em territórios de conflitos e julgamentos, que fazem do corpo escravo/servo do império da beleza (numa compreensão de que o corpo é assujeitado na relação com o outro), a análise das narrativas apresentadas por pessoas com cegueira pode oferecer significados, sentidos e leituras estéticas múltiplas ao tecido da estética e da beleza corporal.

Considera-se, por fim, a necessidade de outras pesquisas que objetivem, de alguma maneira, prosseguir por alguns caminhos anunciados por este estudo, como o universo das representações sociais de corpo e os processos de simbolização e construções imagéticas relacionadas ao contexto das pessoas com cegueira

congênita, intencionando a superação de estigmas e preconceitos que se cristalizam nas e pelas práticas e relacionamentos ao longo dos períodos históricos.

THE UNIQUENESS OF CONGENITAL BLINDNESS THE BODY PERCEPTION

Abstract: Noting that congenitally blind people have unique processes of learning and symbolizations, it leads to a concern that they might or might not present concepts of beauty in a world ruled by visual/imagery forms. Thus, this qualitative and descriptive study intended to investigate and understand body social representations from conceptions of people with congenital blindness. For data acquisition we chose a semi-structured interview, allowing the entire content to be analyzed by content analysis. The results indicated the generalizing way that the physical beauty is captured by blind people on daily practices. Finally, touch, language and hearing proved to be important mechanisms for development of both body social representations and the approach to the sensible world which presents beauty on practices and social objectifications of people with blindness.

Keywords: body; congenital blindness; beauty.

REFERÊNCIAS

- AMIRALIAN, M. L. T. M. **Compreendendo o cego:** uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução Luís Antero de France. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 1, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 dez. 2011.
- BERGER, M. **Corpo e identidade feminina.** 2007. 295 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BRASÍLIO, L. A. **Um olhar sócio-histórico sobre a beleza:** das amarras à alteridade. 2007. Tese de (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106274>>. Acesso em: 3 jun. 2017.
- LAPLANE, A. L. F.; BATISTA, C. G. Um estudo das concepções de professores de ensino fundamental e médio sobre a aquisição de conceitos, aprendizagem e deficiência visual [Resumo]. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, CICLO DE ESTUDOS SOBRE DEFICIÊNCIA MENTAL, 1., 9., 2003, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2003. p. 14-15.
- LEBEDEFF, T. B. Aprendendo com o toque: reflexões e sugestões para uma educação sexual adaptada ao portador de deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 2, n. 1, p. 31-37, 1994.
- MATTHIESEN S. Q. et al. Linguagem, corpo e Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 129-139, 2008.

MENEZES, F. **Dia do homem**: cinco erros de beleza que detonam a imagem masculina, 16 de julho de 2011. Disponível em: <<http://msn.minhavidade.com.br/conteudo/13324-Dia-do-Homem-cinco-erros-de-beleza-que-detonam-a-imagem-masculina.htm?ordem=1#gal>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOURA, G. R. de; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 jan. 2012.

NOVAES, J. V. Vale quanto pesa... sobre mulheres, beleza e feiúra. In: CASOTTI, L.; SUAREZ, M.; CAMPOS, R. D. **O tempo da beleza**: consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008. p. 144-175.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. de. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, jan./jun. 2003.

ORMELEZZI, E. M. **Os caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira**: do universo do corpo ao universo simbólico. 2000. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SOUZA, A. F. C. **O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos**: uma análise discursiva. 2004. 224 p. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILELAS, J. **Investigação**: o processo de construção do conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.

Contato

Everton Luiz de Oliveira
E-mail: evertongalera@hotmail.com

Tramitação

Recebido em 12 de janeiro de 2014
Aceito em 2 de julho de 2014